O naturalismo acadêmico de Weingärtner[1]

Luís Edegar Costa

A exposição "Pedro Weingärtner (1853-1929): um artista entre o Velho e o Novo Mundo", em exibição no MARGS até 13 de junho de 2010, reúne trabalhos desse pintor nascido em Porto Alegre (onde viveu boa parte de sua vida) espalhados em diferentes coleções brasileiras de artes plásticas. Em matéria veiculada na imprensa local sobre essa exposição, reclamou-se que o reconhecimento que foi dado ao artista é acompanhado da adjetivação "mestre acadêmico", com a qual a relevância de sua obra é diminuída. Propondo a revisão de sua importância, na mesma matéria afirma-se que ao invés de "acadêmico" Weingärtner foi um pintor "realista". A reivindicação visa situar sua obra no mesmo plano da contribuição de pintores brasileiros oitocentistas e dos inícios do século XX, como Belmiro de Almeida e Almeida Jr., mais destacados até aqui. Mas sobre que bases? Por que "acadêmico" é um estigma que precisa ser desvinculado da obra de Weingärtner? Além disso, e sem perder de vista que ser pintor "realista" não significa por si só fazer arte boa ou ruim, com qual definição de arte realista essas obras podem ser confrontadas?

O sentido negativo dado à arte acadêmica pode ser exemplificado na notória caracterização feita pelo crítico norte-americano Clement Greenberg (1909-1994), em *Vanguarda e kitsch*. Aí acadêmica é a arte que imita os efeitos da arte, já incluídos na obra e como que dados de bandeja ao observador. A experiência chega mastigada por um sentido que é antecipado, esvaziando a relação com o trabalho. No quadro do pintor acadêmico as coisas são pintadas para que o espectador as reconheça como ele as reconhece e vê fora do quadro. O prazer está em identificar e comparar, está na compreensão de que o representado é evidente por si mesmo e não envolve descontinuidades entre a arte e a vida.

---

[1] Publicado no Jornal do Comércio em 08 de junho de 2010, na seção Opinião do Caderno Panorama, p.8.

Os termos são os mesmos empregados por Roland Barthes (1915-1980) para comentar um disco gravado pelo barítono Gérard Souzay (1918-2004) com melodias de Gabriel Fauré (1845-1918) – isto aparece no texto *Arte vocal burguesa,* do livro *Mitologias*. Sobre a forma de cantar de Souzay, Barthes escreve que se trata de uma *arte* "sinalética", cujo objetivo é impor não a emoção, e sim os signos que permitem reconhecê-la e garantem sua compreensão. Com isso a *arte* "sinalética" não exige dos seus consumidores quase nada porque já chega com a sua intenção antecipada.

Giulio Carlo Argan, por sua vez, distingue realismo e naturalismo atribuindo ao primeiro o reconhecimento da concretude da obra de arte. Na arte realista o fazer do trabalho não é ocultado e ajuda a formar, com a obra, uma única e mesma realidade. As cores são empregadas pelo pintor sem o propósito de sujeitá-las a um referente. Ao contrário, é como se valessem por si mesmas. E os materiais com os quais o pintor realiza seu trabalho são tidos como autônomos na produção do sentido, dotados de uma realidade própria. Esses materiais não dependem de uma significação derivativa daquilo para o que remetem ou com o que podem ser associados. Ou seja, quando o tratamento dado ao desenho ou a intensidade da cor diz menos da coisa representada e mais do modo de representá-la ele é responsável pela alteridade do objeto, pela descontinuidade entre a arte e a vida, para a qual a obra de arte acadêmica como que dá de ombros.

Já imitar a realidade mediante a pintura é fazer arte naturalista, e não realismo, porque o pintor trabalha com os signos que a natureza proporciona, e quando emprega o azul é para fazer referência ao céu, ao mar, etc. Para o pintor do naturalismo há uma realidade exterior que é dada de antemão e que requer a aplicação de uma concepção formal adequada, claro, de acordo com a eleição de um modelo. A preocupação do pintor naturalista é menos a realidade e mais a defesa de uma concepção da natureza relacionada a uma forma de representação tradicional da realidade. Neste sentido, Weingärtner é mais um pintor "naturalista" do que propriamente "realista".

A exposição confirma o que já sabíamos, trata-se da obra de um pintor acadêmico ou, com o perdão do pleonasmo, um pintor do naturalismo acadêmico. E desconhecer isto num projeto de revisão histórica dessa obra, propondo mudanças através da subtração de vínculos e supostos estigmas, não vai muito além de arquitetar-lhe uma frágil redoma. Por isso reivindico: não lhe retirem esse qualificativo, "acadêmico", seria uma das maiores injustiças com o seu trabalho. Weingärtner, em seu tempo, pintou uma arte "sinalética" da mesma estirpe da *arte vocal burguesa* de Gerard Souzay. E, afinal, é necessário mais do que isso? É mesmo preciso dar à obra desse pintor outros degraus? Creio que não, já temos o suficiente para alimentar ufanias.

Luís Edegar Costa, professor de História e Teoria da Arte – IA/UFRGS